

A lei e a promessa

^[15] Irmãos, falo como homem. Ainda que uma aliança seja meramente humana, uma vez ratificada, ninguém a revoga ou lhe acrescenta alguma coisa. ^[16] Ora, as promessas foram feitas a Abraão e ao seu descendente. Não diz: E aos descendentes, como se falando de muitos, porém como de um só: E ao teu descendente, que é Cristo.

^[17] E digo isto: uma aliança já anteriormente confirmada por Deus, a lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois, não a pode ab-rogar, de forma que venha a desfazer a promessa. ^[18] Porque, se a herança provém de lei, já não decorre de promessa; mas foi pela promessa que Deus a concedeu gratuitamente a Abraão. *Gálatas 3.15-18.*

Pregado na IPB Rio Preto em 14/11/2010, às 9h.

[A explicação de Paulo sobre o evangelho — A experiência de Abraão].

Introdução

1. Pais que não cumprem suas promessas, ou que mudam constantemente as regras de convivência e ordem do lar produzem insegurança em seus filhos. Na verdade, nenhuma relação se mantém quando existe insegurança – o medo da outra pessoa mudar para pior a forma como interage conosco. No âmbito jurídico, o recurso para garantir a fidelidade humana é o contrato ou testamento – que nos tempos antigos era chamado de aliança.
2. Na semana passada verificamos que Deus, por meio do Senhor Jesus Cristo, nos libertou da maldição da lei. Agora Paulo inicia um novo bloco de argumentação, ainda relacionado com Abraão, mas, especificamente, focalizado na antiguidade, natureza e função da lei.

S.T.: Hoje aprenderemos que a lei não invalidou a promessa. Paulo nos ensina isso de três modos. Primeiro ele nos mostra que...

I. Deus firmou uma aliança permanente

^[15] Irmãos, falo como homem. Ainda que uma aliança seja meramente humana, **uma vez ratificada, ninguém a revoga ou lhe acrescenta alguma coisa.** [...]

^[17] E digo isto: uma aliança já anteriormente confirmada por Deus, **a lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois, não a pode ab-rogar, de forma que venha a desfazer a promessa.** [...]

1. Deus “confirmou” um “testamento” (A21; NVI) com Abraão (v. 15, 17).
 - 1.1. Essa ratificação divina da aliança impede o seu cancelamento: A aliança, “uma vez ratificada, ninguém a revoga” (v. 15).
 - 1.2. Mais: Tal aliança é irrevogável porque é anterior à promulgação da lei (v. 17).
2. Aprendemos ainda que os termos desta aliança não podem ser alterados – este pacto divino não aceita aditivos: “ninguém [...] lhe acrescenta alguma coisa”. Essa é outra forma de dizer que a Palavra de Deus permanece para sempre.

II. Esta aliança tem relação com Cristo

^[16] Ora, as promessas foram feitas a Abraão e ao seu descendente. Não diz: E aos descendentes, como se falando de muitos, porém como de um só: **E ao teu descendente, que é Cristo.** [...]

1. As promessas feitas a Abraão, relativas à sua descendência, são cumpridas em Cristo. Há certo debate sobre o modo como Paulo redefine os sentidos dos textos do AT, alterando-os do plural para o singular — “o grego tem *sperma*, ‘semente’”.¹ Na

¹ GUTHRIE, p. 127.

verdade, o próprio AT sugere que a promessa da salvação dada a Abraão estava ligada a um só de seus filhos, Isaque (cf. Gn 21.12). Por isso a BEG² liga o descendente direto de Abraão (Isaque) com o descendente que cumpre a promessa (Cristo):

Como descendente de Abraão, Isaque representava todos os que o seguiram. Do mesmo modo Cristo, o descendente final de Abraão, representa todos os que creem.²

2. Concordamos, de modo geral, que:

Paulo não está baseando uma verdade num pequeno pormenor da gramática. Ele faz uma avaliação espiritual profunda da verdadeira natureza da aliança de Abraão. Esta apontava para seu próprio cumprimento em Cristo.³

2.1. Para Calvino, aqui o apóstolo trata da “substância da aliança: a aliança repousa exclusivamente em Cristo”.⁴

2.2. Em Cristo estão todas as “bênçãos espirituais nas regiões celestiais” (Ef 1.3). O Senhor Jesus é o nosso maior amor e tesouro.

III. Esta aliança é graciosa

^[16] Ora, as **promessas** foram feitas a Abraão e ao seu descendente. Não diz: E aos descendentes, como se falando de muitos, porém como de um só: E ao teu descendente, que é Cristo.

^[17] E digo isto: uma aliança já anteriormente **confirmada por Deus**, a lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois, não a pode ab-rogar, de forma que venha a desfazer a **promessa**.^[18] Porque, **se a herança provém de lei, já não decorre de promessa; mas foi pela promessa que Deus a concedeu gratuitamente a Abraão**.

1. Os nossos pais na fé chamavam esta aliança de Deus com Abraão de **aliança da graça**.

1.1. Deus fez “promessas a Abraão” (v. 16). Baseado em que? No desempenho espiritual de Abraão? Absolutamente não. Notemos que o v. 17 fala de “uma aliança [...] confirmada por Deus”, ou seja, levada adiante unicamente por causa da boa vontade divina. Não foi Abraão quem ratificou aliança; pelo contrário, Deus fez isso sozinho (cf. Gn 15.17-18).

1.2. Observemos o vocábulo “gratuitamente”, no v. 18. Na verdade, todo o versículo nos ensina que a herança provém da promessa e não da lei.

2. Ouçamos um estudioso da Palavra: “Se Cristo é o fundamento da aliança, segue-se que esta é gratuita. Este é o significado da palavra *promessa*. A lei tomava em consideração os homens e suas obras; a promessa leva em conta a graça de Deus e a fé”.⁵ Outro servo de Deus chama nossa atenção para o fato que o verbo grego traduzido por “concedeu” – *kecharistai* – significa “um presente de graça” e está conjugado no tempo perfeito, o que quer dizer que se refere a algo que “foi concedido para sempre”.⁶

Concluindo...

1. Há um ensino popular decorrente de um entendimento errôneo da expressão “nova aliança”. Afirma-se que uma aliança da lei foi substituída por uma aliança da graça.

² BEG², nota 3.16, p. 1560. Cf. KAISER JR., TAT, p. 155: “‘Descendente’ (ou ‘descendência’) tinha um significado coletivo de ‘posteridade’, como também tinha em Gênesis 3.15; 12.7; 13.15. Ao mesmo tempo, porém, o descendente indicava uma pessoa única que representava o grupo inteiro, e era a garantia da linhagem de descendentes que ainda viria”.

³ GUTHRIE, p. 128.

⁴ CALVINO, p. 86.

⁵ CALVINO, p. 86. Grifo do autor.

⁶ STOTT, p. 82-83.

Verificaremos detalhes sobre esse assunto na próxima pregação. Por ora basta que saibamos isso: a aliança da graça veio antes da promulgação da lei.

2. Com tais palavras somos assegurados não apenas da antiguidade, mas também da solidez da aliança divina.
 - 2.1. Deus não mudou nem jamais mudará de ideia quanto ao modo de nossa salvação.
 - 2.2. Deus é tão firme que os autores do AT insistem em chamá-lo de “rocha” e tão seguro que é denominado de nosso “refúgio” ou “abrigo”.
 - 2.3. Ele firmou um testamento relativo à nossa redenção; ele se dispôs em amor para conosco. Estejamos certos de que ele não alterará as coisas no meio do percurso.
3. Perceba que somente em Jesus encontramos o “sim” a todas as promessas de bênçãos de Deus.
 - 3.1. Não há benefício espiritual fora dele.
 - 3.2. Não há esperança de salvação à parte dele.
 - 3.3. A sólida aliança de nossa redenção repousa exclusivamente nele. O Senhor Jesus Cristo é o maior e melhor presente a nós concedido por Deus Pai, e trazido aos nossos corações por Deus o Espírito Santo. Estejamos certos de que cremos unicamente em Cristo como nosso suficiente Salvador e Senhor.
4. Podemos hoje mesmo falar de uma aliança da graça, porque a aliança que Deus firmou foi permanente, tem relação com a pessoa e obra de Cristo e é baseada em graça e não em nossas obras. É por causa disso que nos aproximamos, com gratidão nos corações, desta mesa da Santa Ceia.